



MADALENA, O OLHAR DA VÓ PELO MUNDO, O APRENDER DA NETA NESTE OLHAR: AUTORIAS FEMININAS DE LIVROS ILUSTRADOS PARA A FORMAÇÃO LEITORA COM O USO DE ESTRATÉGIAS DE LEITURA, CONEXÕES E INFERÊNCIAS

MADALENA, HER GRANDMOTHER'S VIEW OF THE WORLD, HER GRANDDAUGHTER'S LEARNING FROM THIS PERSPECTIVE: FEMALE AUTHORS OF ILLUSTRATED BOOKS FOR READER TRAINING WITH THE USE OF READING STRATEGIES, CONNECTIONS AND INFERENCES

Joyce Aparecida da Silva Linard  <https://orcid.org/0009-0004-2634-3826>
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho - Marília
joyce.linard@unesp.br

Cyntia Graziella G.S. Giroto  <https://orcid.org/0000-0003-0620-4613>
Programa de Pós-graduação em Educação
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - Marília
cyntia.giroto@unesp.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.11278651>

Recebido em 17 de setembro de 2023

Aceito em 27 de novembro de 2023

Resumo: Entendendo que os livros são objetos que trazem a cultura de uma época em que estão inseridos, o artigo a seguir aborda acerca de obras de autoria feminina, trazendo imbricadas as tantas vozes que as constituem. Evidenciaremos a potencialidade dos livros de literatura infantil como importante objeto para a formação e compreensão leitora, na intenção de explicitar como o leitor pode atribuir os múltiplos sentidos ao estar diante de uma obra, mobilizando estratégias de leitura. Para tanto, elegemos o livro ilustrado *Madalena* (2019) da escritora e ilustradora Natália Gregorini, cujo enredo apresenta duas mulheres fortes – a vó Madalena e sua neta, de onde emerge as vozes das protagonistas que tecem os fios de suas memórias ao longo de toda narrativa. Para entendimento deste percurso, dialogaremos com as estratégias de leitura defendidas por Giroto e Souza (2010), com destaque para duas delas: Conexões e Inferências, durante os diálogos e trocas outras das análises dos enunciados verbais e visuais presentes na obra.

Palavras-chaves: Literatura infantil. Autoria feminina. Estratégias de leitura.

Abstract: Understanding that books are objects that bring the culture of a time in which they are inserted, the following article discusses works by female authors, bringing together the many voices that constitute them. We will highlight the potential of children's literature books as an important object for reader training and understanding, with the intention of explaining how the reader can attribute multiple meanings when facing a work, mobilizing reading strategies. To this end, we chose the illustrated book *Madalena* (2019) by writer and illustrator Natália Gregorini, whose plot presents two strong women – grandmother Madalena and her granddaughter, from which emerge the voices of the protagonists who weave the threads of their memories throughout entire narrative. To understand this path, we will discuss the reading strategies advocated by Giroto and Souza (2010), with emphasis on two of them: Connections and Inferences, during dialogues and other exchanges of analysis of verbal and visual statements present in the work.

Keywords: Children's literature. Female authorship. Reading strategies.

1 Introdução

Se quisermos crianças leitoras, ofertemos e espalhemos bons livros em todos os lugares que elas frequentam, antes mesmo que saibam ler. O contato com os livros e a necessidade adquirida em ler não é inerente, mas produto de experiências aprendidas e formadas socialmente, pelas práticas culturais em que estamos inseridos.

Não sendo mais considerados apenas como objetos encadernados ou brochados de folhas impressas contendo palavras e imagens, mas que trazem a cultura humana em que está inserida por meio de suas histórias, nos livros não podemos tratar isoladamente, palavra por palavra ou imagem por imagem. Volochinov assevera que “a própria palavra, quando abordada de modo isolado, como um fenômeno puramente linguístico, não pode, é claro, ser nem verdadeira, nem falsa, nem ousada, nem tímida” (2019, p. 118). O conjunto de signos visuais e enunciados escritos compõem a história.

Torna-se necessário, oportunizar o “aprender a olhar” das crianças para todo o conjunto da obra, permitindo o adentramento delas no universo da literatura, provocando, refletindo sobre a nossa sociedade, costumes e cotidiano, fazendo perguntas, respondendo outras, se inquietando, tendo um maior senso crítico, formulando hipóteses, porque enquanto lemos, pensamentos preenchem nossa mente, criando oportunidades de conexões com aquilo que acontece em nossa vida.

Neste sentido, escritores trazem em suas obras, características da sociedade em que estão inseridos e da cultura em que vivem, porque “a arte é imanentemente social” (Volochinov, 2019, p.113) fazendo parte da criação ideológica. Dessa forma, autoras de literatura infantil problematizam e trazem esses contextos sociais em suas obras, despertando a atenção dos pequenos leitores para uma leitura que saia da superficialidade e permita os mais diversos diálogos, em uma literatura mais consciente.

Autoras como Lygia Bojunga, ganhadora de importantes prêmios como Hans Christian Andersen (1982) e Prêmio Memorial Astrid Lindgren (2004) traz em suas obras, como em *A bolsa amarela*, publicado pela primeira vez em 1976, e com várias reedições, sua crítica ao contexto social da época: um período marcado pela ditadura, repressão e censura na voz da personagem principal Raquel, ao esconder na bolsa suas três vontades: ser gente grande, de ter nascido menino e a de se tornar escritora, destacando temas importantes para uma sociedade mais inclusiva e humana.

Obras de escritoras contemporâneas como *Princesas Negras* (2018), escrito por Ariane Celestino Meireles e Edileuza Penha de Souza, e ilustrado por Juba Rodrigues, trazem a importância da ancestralidade e enaltecem a beleza negra, enquanto criticam os padrões de beleza estereotipados e impostos pelas mídias sociais. *Feijoada* (2006) de Sonia Rosa e ilustração de Rosinha Campos aguça o paladar do leitor com essa comida trazida pelos portugueses, e adotada pelos escravos, mas tão presente em nosso cotidiano. *Tata* (2020) de Fran Matsunoto nos alerta sobre as queimadas nas florestas. *Doçura* (2022) da escritora Emília Nuñez e ilustrado por Anna Cunha, transmite o afeto e paixão pela leitura, passado de geração para geração, ou ainda *Fevereiro* (2023) que enaltece as festividades e cultura do carnaval brasileiro de Carol Fernandes.

Obras estas e tantas outras que trazem narrativas imbricadas dessas vozes femininas não somente por autoras das palavras ou autoras das imagens, cada uma separadamente, mas ambas em total compasso, com destaque para livros ilustrados, permitindo as crianças, com os livros em mãos, dialogar com o texto verbal e com as ilustrações para uma maior compreensão do conjunto da obra. Circulando em lares, círculos de contação de história, e a grande maioria em ambientes escolares, os livros auxiliam na formação humana das crianças que em contato com essas narrativas

ganham um novo “tempero” para uma palavra outra, dando um novo sentido, permitindo ressignificá-las, porque

Eu vivo em um mundo de palavras do outro. E toda a minha vida é uma orientação nesse mundo; é reação às palavras do outro (uma reação infinitamente diversificada), a começar pela assimilação delas (no processo de domínio inicial do discurso) e terminando na assimilação das riquezas da cultura humana (expressas em palavras ou em outros materiais semióticos) (Bakhtin, 2011, p. 379).

Ao permitir o contato com a palavra do outro, somos capazes de ampliar as possibilidades leitoras, provocando nas crianças o desejo de perguntar o que é desconhecido, desvinculando-as de leitura com respostas prontas, ou de apenas uma alternativa correta, chegando ao final da leitura, por vezes, sem qualquer compreensão.

Diante disso, podemos dizer que tais reflexões provêm de questões inquietantes nos nossos constantemente estudos e pesquisas das teorias e práticas acerca da linguagem, da literatura infantil e da formação do pequeno leitor, em que propomos ações para o oferecimento de livros para as crianças, como um bem cultural, social e político, mediante a sedução pela literatura, das múltiplas vozes dos diálogos que nos constitui.¹

Neste aspecto, ao escolher para este ensaio reflexivo uma obra de autoria feminina, em que escritora e autora de livros ilustrados se fazem presentes, entendemos que estamos dando voz e enaltecendo tais mulheres que se dedicam a levar através de sua arte uma literatura de qualidade, proporcionando além da experiência estética, o debruçar-se nas inúmeras camadas da obra para uma maior compreensão leitora no estabelecimento de sentidos em seus constantes diálogos. Trata-se do livro *Madalena*, escrito e ilustrado por Natalia Gregorini, trazendo duas mulheres fortes e com personalidades diferentes como personagens principais, mas ao tecerem os fios de suas memórias, vão estabelecendo inúmeras trocas. Para tanto, faremos uma breve análise da obra em seus enunciados verbais e visuais.

Destacamos que por muito tempo, as mulheres eram consideradas como “o sexo frágil” e destinadas somente aos espaços privados dos lares, sempre ocupando uma posição inferior a dos homens. Vivendo em uma sociedade patriarcal, as mulheres sempre acabaram sendo vistas em papel de submissão e suas vozes estiveram excluídas de vários segmentos, e na literatura não seria diferente. Enquanto homens escreviam sobre as mulheres, elas cuidavam da vida deles; cuidando da casa, dos filhos, dos maridos, e sendo reprodutoras. Histórias escritas e contadas durante séculos, pela perspectiva de homens, geralmente sendo brancos, de classe média e heterossexual acabaram pela formação de um modelo de literatura excludente, trazendo em suas narrativas essa representação da mulher: submissa e preparada para o casamento, devendo obedecer às ordens primeira do pai e depois do casamento, de seus maridos. Durante muito tempo, as mulheres não sabiam nortear a própria vida. Contos de fadas tradicionais escritos por Perrault ou Irmãos Grimm, por exemplo, acabam por trazer essa visão patriarcal e machista, representando a mulher como objeto a ser manipulada pelo poder masculino (Queiroz e Busan, 2019).

¹Tudo se dá no espaço-tempo conhecido como ‘Mundinho da leitura’ na UNESP _ Campus de Marília, onde também são acolhidas não somente as ações formativas e interventivas com crianças, professores e pais, mas notadamente aquelas de estudo e pesquisa do CEPLLI (Centro de Estudos e Pesquisas sobre linguagem, literatura e infâncias) e do PROLEAO (Grupo de Pesquisa: Processos de Leitura e escrita: apropriação e objetivação).

Na história de “Rapunzel”, por exemplo, temos a personagem principal trancada em uma torre, sem qualquer direito de sair e viver livremente, ou de expressar qualquer opinião. Em “A bela adormecida” a personagem é beijada sem qualquer questionamento do seu consentimento ou não, pelo então dito “príncipe encantado” que iria “salvá-la”. Ou ainda, na narrativa de “Chapeuzinho Vermelho” em que a criança, uma menina, é castigada de forma quase trágica por desobedecer às ordens do adulto. Grandes acontecimentos também eram narrados e feitos por homens, enquanto as mulheres nunca apareciam. Por isso, durante muito tempo não se teve obras escritas por mulheres, negros e homossexuais.

No entanto, como podemos observar, temos uma crescente evolução e modificação entre uma versão e outra, com sua progressão até chegar aos dias atuais, permitindo dessa forma que as crianças resinifiquem e dialoguem com a obra na construção de novos significados ao desconstruir os padrões impostos pelos modelos patriarcais.

Com o surgimento de movimentos feministas em todo o Brasil, passou-se então a ser questionada a predominância masculina, e mesmo com grandes dificuldades e empecilhos, essa realidade começou insistentemente a mudar e a mulher passou a assumir diversos papéis inclusive como autoras, e em muitos casos, sobressaindo-se ao valor estético de obras escritas pelos homens. Destaca-se a afirmação de que a qualidade de uma obra não se realiza por meio das limitações instauradas entre os sexos. O problema do gênero é muito mais do que isso. (Esser, 2014)

Obras como “O Reizinho Mandão” da autora Ruth Rocha publicado pela primeira vez em 1973, traz críticas ao autoritarismo imposto pelos homens. Assim como outras obras de Marina Colasanti e também de Ruth Rocha, surgem no final dos anos 1970 rompendo com esses padrões de princesas dos contos de fadas tradicionais enraizadas em uma sociedade patriarcal e com uma mentalidade distorcida alimentada por muito tempo. Acabar com esses conceitos, nunca foi uma tarefa fácil, mas a literatura infantil vem insistindo nesse aspecto e ajudando a modificar o modelo da sociedade patriarcal ainda tão presente em nossa sociedade (Queiroz e Busan, 2019), dando voz às mulheres, seja como autoras ou nas personagens principais, despertando, potencializando e fortalecendo essas narrativas, podendo, enfim, as mulheres assinarem seus nomes nas obras que ganharam e vem ganhando o mundo.

Assim, a literatura produzida por mulheres é aquela sensível, abordando temas universais e que envolve o gênero humano, retratando os meios sociais dos quais se originam e das condições antropológicas, socioeconômicas e culturais em que estão inseridas, porque

por meio do discurso, as mulheres conseguem projetar a imagem que têm de si próprias e do meio onde vivem, revelando ideias e ideologias muito particulares, que se diferenciam da escrita masculina por apresentarem uma subjetividade inédita dentro da literatura brasileira. Dessa forma, pode-se dizer que o novo causa estranhamento, e o estranhamento é precursor da diferença. (Esser, 2014, p.13)

Nessa direção, ao destacarmos obras de autoria feminina entendemos ser uma literatura que envolve a conquista de sua identidade e da escrita, vencendo os condicionamentos de uma ideologia que a manteve nas margens da cultura. E ao ofertar livros para os pequenos leitores, reafirmamos a necessidade de oportunizar o acesso a obras que permitam a construção do interesse das crianças no ato de ler, para a sua

formação como leitores críticos e autônomos, despertando para uma leitura que não envolva um sistema mecânico de decodificação de signos, mas no estabelecimento dos múltiplos sentidos que as obras nos permitem.

Para um maior conhecimento da obra *Madalena*, fazemos uma breve análise de seus enunciados verbais e visuais e discorreremos sobre as estratégias de leitura: Conexões e Inferências discutidas e defendidas por Girotto e Souza (2010). Esperamos com este texto contribuir para (1) a reflexão da importância da literatura infantil para os mais diversos diálogos e trocas outras como caminhos de uma compreensão leitora e seu estabelecimento de sentidos e (2) a reflexão sobre a obra *Madalena*, explorando seus enunciados visuais e verbais, e a abordagem do ensino das estratégias de leitura.

A primeira seção deste artigo contará com as primeiras palavras sobre a criação do livro *Madalena* e a importância da literatura para a compreensão leitora. Em seguida, faremos a análise da obra e o uso das estratégias de leitura: Conexões e Inferências, e por último, as considerações finais.

2 Primeiras palavras sobre a autora e obra para uma compreensão leitora

“Minha avó não era silenciosa de palavras, mas tinha um olhar cheio de silêncios. Essa era uma característica que, desde o início, eu queria que o livro tivesse. Queria também que *Madalena* trouxesse a profundidade das relações, porque mesmo nas memórias afetivas da infância existe mistério, tristeza, melancolia. A maneira que encontrei de trazer essas sensações para a narrativa foi deixando bastante espaço para o silêncio. As imagens em preto e branco colaboram para essa sensação. As imagens de *Madalena* na varanda – realmente amo essa sequência! –, ao mesmo tempo que geram expectativa, mostram que para ler o livro é preciso ter a paciência daquela personagem à espera. E há um imenso silêncio ali. Nada se mexe. Parece que ela nem respira”. (Um bem precioso, **Lugar de Ler**, São Paulo, <Disponível em <https://www.lugardeler.com/natalia-gregorini-madalena> >. Acesso em: 27 jul. 2023).

Os enunciados acima evidenciam as características, sensações e sentimentos que Gregorini queria transmitir em sua obra, pois cremos que justamente na inter-relação entre os personagens e o autor é que se determina o estilo, o grau de proximidade entre eles. (Volochnikov, 2019).

Nascida em Vilhena, Rondônia, após cinco anos, Natália Gregorini, juntamente com sua mãe, mudaram para o Sul do país, indo morar com a vó materna. Momentos estes que puderam proporcionar a autora, além da convivência com a vó, o acolhimento de muitas de suas memórias.

Madalena (2019) primeiro trabalho autoral de Gregorini, produzido durante seu mestrado em Poéticas Visuais pelo Instituto de Arte da Unicamp, relata a convivência de uma vó – *Madalena*, com sua neta - Gregorini, e como o tempo na casa da vó corria um pouco diferente daquele do relógio acostumado pela menina; “o tempo lá durava diferente”. (Gregorini, 2019, p. 6) Mas mesmo sendo tempos diferentes cronologicamente falando, acabam entrelaçados na construção das memórias da autora, carregadas de afeto e amor, que são percebidos e representados ao longo da narrativa; como contemplar o mundo na varanda tomando chimarrão, a felicidade da companhia de cada uma na mesa do café, ou ainda, o carinho e cuidado com a horta do quintal da vó.

Utilizando a gravura, as ilustrações do livro foram desenvolvidas com a técnica, mas em embalagens longa vida, diferentemente das gravuras com uso de pedra, madeira ou do metal. Para Bakhtin (2011), todos os objetos que estão representados na obra precisam e devem ter, indubitavelmente, uma relação essencial com a personagem. E nos parece que todas as escolhas desta obra de autoria feminina demarcam tal relação.

Neste aspecto, a técnica em gravura está inteiramente ligada à composição da história. Para Gregorini,

no trabalho da ilustração, esse recurso coube perfeitamente, pois além da agilidade na elaboração das matrizes, foi possível separar todos os elementos da cena em matrizes recortadas, entintar cada matriz de uma cor diferente e montá-las de maneiras diferentes, como em um jogo de peças que podem formar diversos cenários. No caso do *Madalena*, a gravura fez parte diretamente da criação da história. Poder ter as matrizes separadas de cada objeto, cenário e personagem ajudou a criar o ritmo da narrativa. As matrizes podem se repetir, se sobrepor, estar ou não em uma mesma cena; assim como a memória vai se compondo por pequenos fragmentos, as ilustrações foram sendo criadas por esses fragmentos que eram as matrizes recortadas. (Um bem precioso, **Lugar de Ler**, São Paulo, <Disponível em <https://www.lugardeler.com/natalia-gregorini-madalena> >. Acesso em: 27 jul. 2023).

As ilustrações que preenchem *Madalena* são cheias de poesia, metáforas, fantasias e sentimentos que proporcionam aos leitores uma memória visual, podendo se estender no seu psiquismo por toda a vida adulta.

Neste ponto, para Oliveira (2008) “as imagens de um livro criam a memória visual das crianças, a leitura harmoniosa e participativa da palavra e a ilustração amplia o significado e o alcance lúdico e simbólico de um livro” (p. 32), permitindo dessa forma, despertar na criança leitora, não mais uma leitura por vezes na superficialidade, mas no desmanchar das diversas camadas presentes na obra em seus múltiplos sentidos.

O leitor em contato com o livro, não está dialogando somente com o texto verbal ou com as imagens, cada uma de forma isoladamente, mas com todo o seu conjunto, estimulando nos leitores o diálogo em uma “apreensão conjunta daquilo que está escrito e daquilo que é mostrado” (Linden, 2011, p.8), no “encontro de dois textos; o texto pronto e o texto a ser criado, reagindo, consequentemente no encontro desses dois sujeitos, de dois autores (Bakhtin, 2011)”.

Arena assevera que os “pequenos leitores de literatura infantil, com os livros nas mãos, não podem estar distantes das atitudes de conectar contextos, elaborar perguntas, desenvolver conduta responsiva, obter respostas, atribuir sentidos e manter vivas as relações entre perguntas e respostas”. (Arena, 2010, p. 23). Quando assim não fazem, a leitura tornou-se mecânica, sem qualquer sentido, tornando seu ato nulo, porque “aquilo que nada responde se afigura sem sentido para nós, afastado do diálogo”. (Bakhtin, 2011, p. 381). O sentido sendo potencialmente infinito pode, portanto atualizar-se somente em contato com o sentido do outro, mesmo que seja com uma pergunta do discurso interior do sujeito da compreensão. (Bakhtin, 2011).

Neste contexto, ensinar o uso das estratégias de leitura, proporciona para uma leitura não superficial, “rasa”, decodificada ou silábica, mas constituída de significados que são aprimorados e construídos pelos pensamentos, conhecimentos e experiências que o leitor possui (Giroto e Souza, 2010).

Divididas em sete possibilidades, a saber: conhecimento prévio, conexão, inferência, visualização, perguntas ao texto, sumarização e síntese (Giroto e Souza, 2010), as estratégias de leitura permitem ao leitor o interesse na leitura e o seu entendimento, realizando várias conexões do texto com aquilo que vivencia, adentrando na compreensão e atribuição de sentidos do que leu, em um constante diálogo e trocas outras, no ato de ler que é múltiplo, podendo o leitor transformá-lo de diferentes formas.

Antes da leitura, o leitor poderá analisar capa, contracapa e título que lhe darão pistas sobre a narrativa, e assim, já durante a leitura, estabelecerá relações de acontecimentos da narrativa com acontecimentos próprios ou que teve contato, podendo formar imagens mentais ou ainda, elaborar questionamentos nutrindo suposições acerca da história. Situações que permitirá ao leitor sumarizar e sintetizar aquilo que leu, em uma relação mais próxima e de compreensão leitora.

Giroto e Souza (2010) defendem que “leitores estratégicos utilizam seus pensamentos em uma conversa interior que os ajudam a criar sentidos para o que leem” (p.45), e ao ser em parte um escritor também, em coautoria durante o percurso da leitura, são capazes de perguntar e buscar respostas para elas, tentando entender melhor o texto que estão em contato, por meio das conexões com os personagens e situações problemas. (Giroto e Souza, 2010).

Diante de todo o exposto, salientamos a importância em ensinar todas as estratégias de leitura para uma melhor compreensão leitora na atribuição de sentidos ao que lerem, no entanto, este artigo, objetiva em apresentar apenas duas delas: conexões e inferências, uma vez que fazemos conexões e inferimos quase o tempo todo em nosso cotidiano. Para isso, utilizaremos a análise do livro *Madalena* da autora Natalia Gregorini (2019), e publicado pela editora Livros da Matriz.

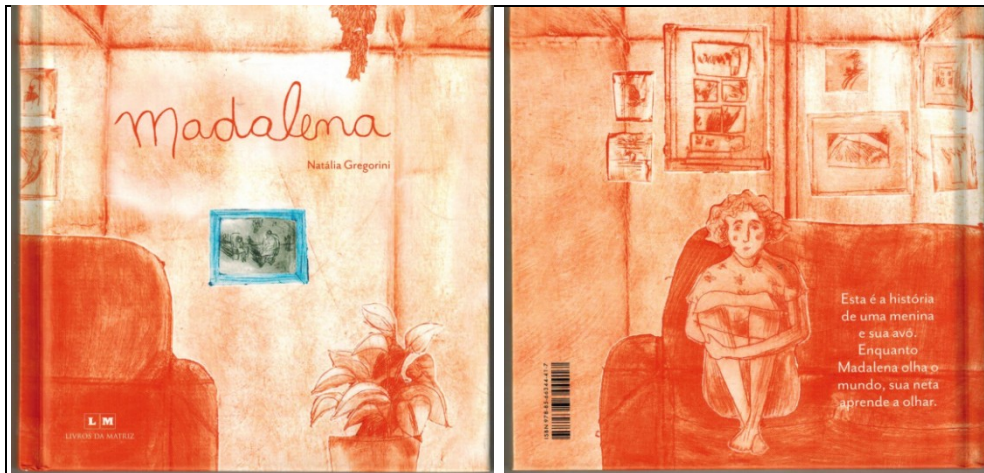
3 Madalena, a vó com o silêncio no olhar: análise dos enunciados da obra e o uso da estratégia de leitura Conexões e Inferências.

A escolha de um livro pelas mãos dos leitores, em alguns momentos acontece por causa de sua capa e contracapa. Através delas, permite-se o contato com as primeiras pistas inquietantes com perguntas e suposições da história das próximas páginas. Neste aspecto Powers (2008, p. 102), relembra a fala de Kaye Webb, editora da Puffin Books nos anos de 1961, quando afirmou a sua preocupação em desenvolver as capas dos seus livros: “Queremos que as crianças sejam leitoras, não meramente ‘olhadoras’, mas ler começa pelo olhar. A capa de um livro e sua aparência tem efeito enorme sobre as crianças”. É por meio delas que a história começa.

Neste sentido, torna-se necessário mais que ofertar livros para os pequenos leitores, ofertar livros capazes de “brilharem” aos olhos quando com o objeto-livro nas mãos, os leitores são instigados a seguir adiante com a leitura e não ofertar livros “empobrecidos” em seu valor estético ou com ilustrações estereotipadas, distanciando-os de uma leitura profunda e sem qualquer compreensão leitora.

Sabendo da importância e o potencial dos livros ilustrados para essa formação leitora e o “brilho no olhar” que são capazes de proporcionar, iniciamos o nosso diálogo com o livro *Madalena*.

Figura 1 – Capa e Contracapa do Livro Madalena



Fonte: Gregorini, Natália (2019).

No primeiro momento, ao olhar capa e contracapa, o leitor depara-se com a predominância da cor laranja. Um sofá, com uma mulher sentada de pernas cruzadas olhando para frente, vasos de plantas e alguns quadros também são laranja, no entanto, na capa do livro, na parede, em seu centro, um quadro com a imagem de uma garotinha e uma mulher são os únicos elementos que fogem a essa cor: moldura azul com a foto em preto e branco. Será Madalena a menina ou a mulher do quadro? Ou ambas se chamam Madalena? Será a mulher sentada no sofá? Ou nenhuma delas é Madalena?

O leitor atento a cada detalhe iniciará suas indagações que o fará seguir adiante na leitura. A resposta, porém a estas perguntas somente encontrará na biografia da autora: “Madalena é minha vó” (Gregorini, 2019, p. 55), pois durante toda a narrativa, o nome Madalena não é mencionado.

O leitor conseguirá perceber que a obra é um relato pessoal da convivência da autora com sua vó Madalena. Isso acontece porque as particularidades dos enunciados da vida estão entrelaçadas por mil fios com o contexto extraverbal da vida do sujeito-leitor, e, quando por algum motivo são isolados dele, perdem praticamente por completo o seu sentido. (Volochnov, 2019). Para Bakhtin, isso acontece porque o “autor-criador nos ajuda a compreender também o autor – pessoa, e já depois suas declarações sobre sua obra ganharão significados elucidativo e complementar” (2011, p. 6).

Figura 2 – Livro Madalena

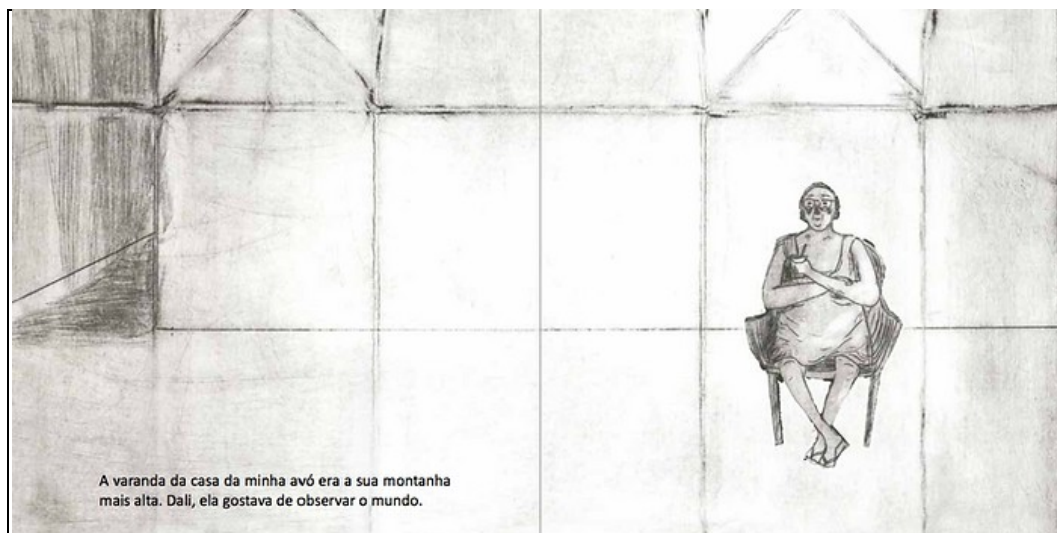


Fonte: Gregorini, Natália (2019, p. 3-4).

Seguindo com a leitura, nas figuras 3 e 4 temos a mesma cena da capa e contracapa do livro, mas com um movimento sutil da personagem: a mulher segura o quadro antes pendurado ao centro da sala. A cor laranja predominante na cena é associada a aspectos de vitalidade e alegria, dialogando com a fisionomia dessa mulher, que agora parece serena ao ter um leve sorriso nos lábios.

De acordo com Biazetto (2008) “a cor é o elemento visual com o maior grau de sensualidade e emoção do processo visual. Nenhum outro atrai com tanta intensidade quanto à cor”. (p. 77). Ao disponibilizar o objeto-livro para as crianças, torna-se necessário também despertar o olhar para este elemento “muito mais pregnante do que qualquer palavra” (Oliveira, 2008, p.45), educando o olhar dos leitores para todos os elementos que compõem o livro, desde capa, contracapa, miolo, guardas, etc., essenciais para a sua compreensão.

Figura 3 – Livro Madalena



Fonte: Gregorini, Natália (2019, p.5-6)

Na sequência, a cor laranja dá lugar para a predominância da cor preta e branca, transportando para “a atmosfera das fotos e filmes antigos, como um recurso de interpretação de que ali entramos no tempo da memória” (GREGORINI, 2023). São as mesmas cores que estão no quadro que a personagem segura, localizando o leitor para a narrativa: a mulher laranja sentada ao sofá recorda suas memórias. Neste ponto cabe lembrar o mestre da visualidade, o professor-ilustrador Rui de Oliveira, quando afirma que ao ilustrador cabe diferenciar o momento da história que deverá ser visualmente narrado para evitar o conflito entre o que o leitor imagina ser, daquele que está vendo (Oliveira, 2008).

A avó Madalena está sentada bebendo chimarrão. O seu silêncio, pelo olhar da autora, são narrados poeticamente no enunciado verbal: “A varanda da casa da minha avó era a sua montanha mais alta. Dali, ela gostava de observar o mundo” (p.5). Para Gregorini (2019), o porto seguro de Madalena era a sua casa, em especial sua varanda, lugar de refugio, de aprendizagem e construção de memórias.

Dessa forma, o enunciado verbal dialoga com o enunciado visual, permitindo ao leitor realizar diversas conexões. Durante nossas leituras, fazemos conexões entre a narrativa com fatos de nosso cotidiano. As “crianças fazem conexões o tempo todo. Ao ler uma história cuja personagem principal tem o nome Marcelo, o aluno pode lembrar-se de um amigo com o mesmo nome, estabelecendo assim conexões [...]”. (Giotto e Souza, 2010, p. 66). Ao ler o livro, o mesmo poderá ocorrer com aquele leitor que

também tem em seu convívio social alguma pessoa do mesmo nome Madalena, por exemplo, como também características similares das personagens.

Observando Madalena sentada, o leitor também se lembrará da sua vó, o que ela gosta de fazer, como ela se chama, ou lembrar-se de alguma pessoa com os mesmos costumes da personagem, pois os “leitores fazem naturalmente conexões entre os livros e fatos de suas vidas. Quando escutam ou leem uma história, começam a conectar temas, personagens e problemas de um livro com outro”. (Giroto e Souza, 2010, p. 67).

Figura 4 – Livro Madalena



Fonte: Gregorini, Natália (2019, p.12-13)

Adiantando a leitura, lentamente o ambiente vai sendo povoado por plantas e outra cadeira, enquanto a vó continua sentada em sua varanda tomando chimarrão, imersa em seu tempo. Segundo a autora,

“Madalena não parece notar que está imersa nesse lugar em construção, ela se mantém, como em boa parte do livro, em seu próprio tempo, que é indicado por suas expressões e uma certa passividade frente às mudanças que vão ocorrendo durante o livro”.

(Um bem precioso, **Lugar de Ler**, São Paulo, <Disponível em <https://www.lugardeler.com/natalia-gregorini-madalena> >. Acesso em: 27 jul. 2023).

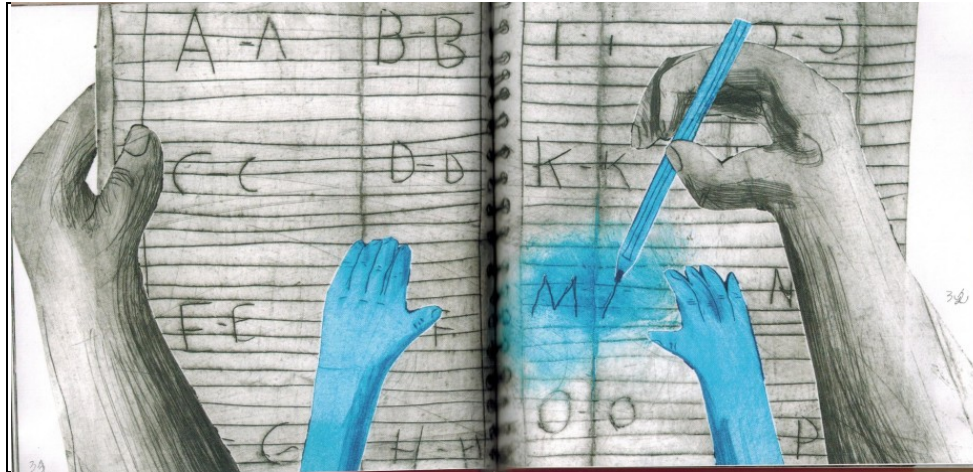
Com a chegada da neta, no entanto, o ritmo se altera, mobilizando para um novo espaço e ação. Madalena se alegra parecendo despertar desse tempo em que estava imersa. A intensidade das relações das duas personagens é transmitida no abraço caloroso entre elas (p. 12-13), permitindo ao leitor perceber se também vivencia tais relações no seu cotidiano, porque “a relação de uma imagem envolve a relação do leitor com ela, como ele a vê, pois o olhar compreende as experiências vividas por aquele que olha.” (Biazetto, 2008, p. 76).

A relação da imagem intimamente relacionada com as vivências do seu leitor é possível devido às conexões que são estabelecidas durante a leitura, que podem ser: texto para texto; texto para o leitor e texto-mundo (Giroto e Souza, 2010).

Neste contexto, o mediador ao ensinar o uso das estratégias de leitura para as crianças leitoras, permitirá que seja possível fazer: (1) conexões texto-texto ocorrendo quando o leitor estabelece relações com outro texto do mesmo gênero ou de gênero diferente; localizando temas que são comuns no estudo do autor, possibilitando conectar

grandes ideias e temas entre os textos/livros que são de mesma autoria ou obras de um mesmo tema; (2) conexões texto-leitor que permite ao leitor estabelecer conexões com episódios de sua própria vida; relacionando os personagens com o próprio leitor e as (3) conexões pessoais e texto-mundo, realizadas entre o texto lido e algum acontecimento mais global, podendo o leitor ativar o conhecimento prévio, tendo como propósito, partilharem conexões para que seja construído o entendimento da narrativa. (Giotto e Souza, 2010).

Figura 5 – Livro Madalena



Fonte: Gregorini, Natália (2019, p.31-32)

Nos enunciados visuais das páginas 31 e 32 a neta é retratada na cor azul. Porém, pouco a pouco essa mesma cor vai invadindo a vó enquanto estudam juntas, tomam café, cuidam da horta e dos animais, preparam o pão, dão risadas durante as refeições, em um constante ensino-aprendizagem de mão dupla, nas expressões que são bilaterais, e realizadas na interação de duas consciências (a do eu e a do outro) (Bakhtin, 2011). Se antes tínhamos a passividade da vó, com a chegada da neta na cor azul, agora há um novo espectro: são trazidos para o ambiente a agitação, barulho e inquietação da menina, que tudo movimentava e dá ritmo à narrativa. O ritmo não é tão-somente um elemento que poderá decidir na construção da imagem. Sua participação também se torna fundamental na criação e na estruturação gráfica do livro (Oliveira, 2008), levando o leitor a perceber a dinâmica da narrativa e de todos os elementos que os interligam.

Figura 6 – Livro Madalena



Fonte: Gregorini, Natália (2019, p.45-46)

O crescimento da menina é percebido no costume que adquiriu com a vó e pela sua cor que agora passa do azul para o laranja, remetendo o olhar do leitor para a capa e contracapa da obra (p. 45-46).

Neste momento, ao dialogar texto-imagem, o leitor é provocado a fazer algumas inferências, ou seja, ler nas entrelinhas. Com o olhar mais aguçado, o leitor percebendo pistas verbais e/ou visuais criará hipóteses sobre a leitura, porque utilizamos as inferências o tempo todo, e quando assim os leitores os fazem, “criam uma interlocução com o texto, usam seus conhecimentos prévios e o texto com a finalidade de estabelecer expectativas do que vai acontecer ou que informações o texto irá conter” (Giroto e Souza 2010, p. 76), ajustando ou confirmando as informações para uma melhor compreensão do texto. Para Giroto e Souza,

Leitores inferem quando utilizam o que já sabem, seus conhecimentos prévios e estabelecem relações com as dicas do texto para chegar a uma conclusão, tentar adivinhar um tema, deduzir um resultado, chegar a uma grande ideia, etc. Se os leitores não inferem, então, não entendem a essência do texto que leem. Às vezes, as perguntas do leitor só são respondidas por meio de uma inferência. Quanto mais informações os leitores adquirirem, mais sensata a inferência que fazem. (Giroto e Souza, 2010, p. 76).

A delicada imagem da vó translúcida sentada em sua cadeira, leva o leitor a inferir sobre sua morte, intensificados nos enunciado da neta: “na verdade, nosso tempo só era diferente” (p. 45-46).

Alguns temas fraturantes, como por exemplo, a morte acaba se tornando tabus para alguns educadores que encontram dificuldades em dialogar sobre eles com seus alunos. O ensino do uso das estratégias de leitura, portanto acabam por criar oportunidades para esses diálogos.

Figura 7 – Livro Madalena



Fonte: Gregorini, Natália (2019, p.54-55)

Os diálogos e trocas outras vivenciadas durante toda a narrativa, traz as relações de uma vó com sua neta, intensificadas pelas memórias construídas por cada uma. A obra traz em suas páginas finais, a neta adulta preparando o chimarrão e depois sentada ao lado direito do sofá; o lado antes ocupando pela vó durante toda a narrativa

(p. 52), enquanto o ambiente é preenchido nas cores laranja e azul. A imagem é denotativa dessas relações e demonstra como somos constituídos pelo outro, em um constate de vir.

4 Conclusão

Ao chegarmos às considerações finais, entendemos que nossas discussões não se findaram, e reafirmamos que mais que ofertar livros para as crianças, é necessário ofertar livros que permitam a elas dialogar com a obra; e os livros ilustrados tornam-se aliados vitais nesse diálogo.

Durante nosso percurso, buscamos entender sobre a importância de autoras que se debruçam sobre a produção desses objetos, em obras de qualidade e carregadas de suas vozes. Mas apesar do ganho e do reconhecimento que algumas autoras contemporâneas estão tendo, nem sempre foi assim. A afirmação das mulheres como autoras foi e ainda é de grande luta para desmitificar o sistema patriarcal em que nossa sociedade ainda traz enraizada em seu contexto histórico.

Surgindo apenas na virada do século XIX, a literatura infantil foi uma das portas que se abriu para a autoria feminina. Por serem destinadas às crianças, permitiu com que as mulheres desfrutassem desse campo para se destacarem na escrita, já que a elas fora permitido escrever somente para esse público. Neste contexto, surgem várias publicações brasileiras para as crianças, trazendo em muitas delas, de forma discreta, uma dose de feminino, sendo, portanto, só publicadas se passassem despercebidas aos olhos dos homens (Queiroz e Busan, 2019). Isso, no entanto, só foi possível porque já participavam do processo educacional das crianças, pois a visão da mulher estava nitidamente ligada aos cuidados dos filhos e dos lares. A ideia de submissão, e de apenas educadoras e pertencentes aos lares, ainda permeava a vida dessas mulheres que precisaram de muita luta para ganharem espaço em uma sociedade machista e de autoritarismo marcado pelos homens. Por muito tempo, as mulheres procuraram meios de adentrar a literatura com sua escrita, e a literatura infantil foi à conjunção que proporcionou essa abertura.

Atualmente, mulheres estão ganhando lugares nesses espaços, mesmo que ainda haja preconceitos por elas quererem projeção ao mercado editorial, mas movimentos como clubes de leitura: “Leia Mulheres”, “Leia mulheres Negras” e “Leia Mulheres indígenas”, por exemplo, são intensificados e estão ganhando força como forma de incentivo a essas leituras e ao consumo desses materiais. Ao atuarem no campo da criação literária, trazendo inovações estilísticas e fazendo suas vozes eclodirem, diversas autoras estão conquistando aos poucos um espaço na literatura nacional e internacional. Aquilo que antes era considerado exclusivamente masculino, agora está dividindo espaço com mulheres, confirmando a ideia de que diferenças existem, embora não sejam mais consideradas como fator de submissão e inferioridade, (Esser 2019) porque a valorização da obra por meio de questões que ultrapassam os limites estéticos acaba sendo muito mais significativa do que o próprio processo de autoria, e isso acontece porque

O reflexo desse novo modelo literário que coloca frente a frente os dois sexos, resulta na criação de narrativas cada vez mais internalizadas, inclusive no que tange a criação de personagens. As mulheres que antes eram representadas como personagens ingênuas e inocentes, passam a delegar funções que refletem diretamente na dinâmica social do século XX. Assim, mulheres mesclam e dividem cenários; ora escritoras, ora personagens, sem em nenhum caso deixar com que os papéis sejam subvertidos e estereotipados (ESSER, 2019, p. 15).

Diante disso, ao escolhermos a obra de uma escritora e ilustradora de livro ilustrado, destacamos que também estamos dando voz a tantas outras autoras que trazem narrativas imbricadas pelo seu ato de dizer. Ao nos aprofundarmos neste ato de dizer de Natalia Gregorini, que tanto nos convida a participar da construção de suas memórias afetivas, enaltecemos a riqueza de sua obra, por todos os elementos que a constitui, para os múltiplos diálogos realizados pelo leitor em uma literatura mais humana.

Dessa forma, a escrita infantil contemporânea por autoras da nova geração acabam por se mostrarem independente, demonstrando o compromisso com o padrão estético do que se espera da linguagem e fugindo de modelos pré-estabelecidos, ao exercerem uma função libertadora dentro da escrita infantil. Com isso, permitem-se diferentes tipos de releituras em relação aos papéis sociais os quais as crianças vivenciam em seu cotidiano, porque o verdadeiro sentido da literatura infantil é de ser libertadora e livre de (pre)conceitos (Queiroz e Busan, 2019).

Durante nosso percurso, cotejando a obra *Madalena*, evidenciamos a importância de darmos voz a autoras que tanto se preocupam em disponibilizar obras de qualidade para seus leitores, assim como a importância do uso das estratégias de leitura Conexões e Inferência para uma compreensão leitora, permitindo os mais diversos diálogos, porque a “inter-relação entre o autor e o personagem nunca é apenas uma inter-relação exclusiva entre os dois: a forma sempre considera um terceiro, o ouvinte, que exerce uma influência essencial em todos os aspectos da obra” (Volochnov, 2019, p. 138), potencializando a formação de leitores que dialoguem com seus enunciados, na produção e estabelecimento de sentidos, e não mais em uma leitura superficializada ou percorrendo os olhos da direita para esquerda, chegando ao seu final, sem qualquer entendimento. Salientamos que o percurso até aqui, trata-se de apenas um do uso dessas estratégias de leitura, necessitando de um estudo mais aprofundado de todas elas, para ampliar e alterar os processos mentais de conhecimento, a fim de compreender o texto. “Compreender é a base para que todas as crianças se engajem completamente na leitura de livros de literatura e se tornem leitoras autônomas” (Giroto e Souza, 2010, p. 108), oportunizando as mais diversas trocas outras. Assim como também, fizemos um recorte dessa inserção de autoria feminina na literatura infantil no mercado literário.

Ao finalizarmos nossas reflexões, consideramos que a literatura escrita por mulheres acaba por ir desestabilizando os velhos discursos, atingindo indiretamente as narrativas tradicionais que infelizmente ainda circulam no meio social. Por meio de uma nova imagem, permitem o eclodir dessas tantas vozes através de suas narrativas. No entanto, não basta apenas falar dessas autoras, mas sim comprar e consumir suas produções, discutindo a sua importância em instituições de ensino e questionar a presença ou mais ainda, a falta delas em obras recomendadas por professores e planos de ensino. Há ainda muito trabalho pela frente. Avante, todos nós!

Referências

ARENA, D. B. A Literatura Infantil como produção cultural e como instrumento de iniciação da criança no mundo da cultura escrita. In: SOUZA, R.J. de. (Org.) [et al]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 2010, p. 13-44.

BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BLAZETTO, C. As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In: Oliveira, I. de. (Org). *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil*. São Paulo: Editora DCL, 2008, p. 75-92.

BOJUNGA, L. *A bolsa Amarela*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2015.

ESSER, D. C. Literatura de autoria feminina - mulheres em cena, na história e na memória. *Línguas & Letras [S. l.]*, v. 15, n. 30, p.1-18, 2014.

FERNANDES, C. *Fevereiro*. São Paulo: Editora Caixote, 2023.

GIROTTI, C. G.G. S.; SOUZA, R. J.de. Estratégias de Leitura: para ensinar alunos a compreender o que leem. In: SOUZA, R. J. de. (Org) [et al]. *Ler e compreender: estratégias de leitura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2010, p.45-114.

GREGORINI, N. *Madalena*. São Paulo: Livros da Matriz, 2019.

LINDEN, S. V. *Para ler o livro ilustrado*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

MATSUMOTO, F. *Tata*. São Paulo: Edições Barbatana, 2020.

MEIRELES, A. C.; SOUZA, E. P.; Rodrigues, J. *Princesas Negras*. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

NUÑEZ, E.; CUNHA, A. *Doçura*. São Paulo: Editora Tibi, 2022.

OLIVEIRA, R. de. *Pelos Jardins Boboli: reflexões sobre a arte de ilustrar livros para crianças e jovens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

POWERS, A. *Era uma vez uma capa: história ilustrada da literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

QUEIROZ, F. R. R.; BUZAN, T. N. Os caminhos da literatura infantil escrita por mulheres. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.23, n. 2, p.159-169, jul./dez, 2019.

ROSA, S.; CAMPOS, R. *Feijoada*. São Paulo: Pallas, 2006.

Um bem precioso. **Lugar de ler**, São Paulo, [s.d.]. Disponível em: <<https://www.lugardeler.com/natalia-gregorini-madalena>>. Acesso em: 27 de jul. 2023.

VOLOCHINOV, V. *A Palavra na vida e a palavra na poesia*. São Paulo: Editora 34, 2019.